



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I-CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**LEIDIANY LÚCIA DOS SANTOS BARROS**

**A EDUCAÇÃO NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA**

**CAMPINA GRANDE – PB  
2019**

LEIDIANY LÚCIA DOS SANTOS BARROS

**A EDUCAÇÃO NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Pedagogia.

**Área de concentração:** Educação

**Orientadora:** Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Margareth Maria de Melo.

**CAMPINA GRANDE – PB  
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B277e Barros, Leidiany Lucia dos Santos.  
A educação no processo de construção da identidade negra [manuscrito] / Leidiany Lucia dos Santos Barros. - 2019.  
43 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2019.  
"Orientação : Profa. Dra. Margareth Maria de Melo ,  
Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC."  
1. Identidade negra. 2. Racismo. 3. Construção da identidade. 4. Educação infantil. I. Título  
21. ed. CDD 370.153

**LEIDIANY LÚCIA DOS SANTOS BARROS**

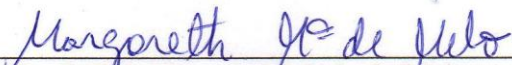
**A EDUCAÇÃO NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduanda em Pedagogia.

Área de concentração: Educação

Aprovada em: 20/08/2019.

**BANCA EXAMINADORA**

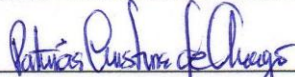


Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Margareth Maria de Melo  
(Orientadora)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Nelsânia Batista da Silva  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Patrícia Cristina Aragão  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A Deus. Aos meus pais, Lúcia e Antônio. Ao meu irmão, Lucas. A todos os meus familiares e amigos, dedico.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por todas as proteções diárias, os livramentos e cuidado com essa filha tão falha mas tão amada e abençoada por Ele.

Agradeço a minha família, minha Lúcia Helena, meu pai Antônio de Deus e ao meu irmão Lucas Henrique pelo apoio, paciência, ajuda financeira, incentivos e pelas palavras amigas quando necessário que me ajudaram a prosseguir na caminhada acadêmica, obrigada por sonhar comigo, amo muito vocês.

Aos meus companheiros e amigos de viagens que durante esses anos estiverem comigo nessa aventura, vivenciando momentos tensos quando o ônibus ou a van quebrava na estrada e fazendo dessas horas de viagem momentos agradáveis e felizes, não irei mencionar nomes para não ser injusta porque são vários amigos que fizeram e outros que continuam nessa jornada de viagem em busca de conhecimento.

Aos meus colegas de classe uma turma incrível que foi um presente de Deus conhecê-los e crescer academicamente com todos, foram muito momentos maravilhosos onde desfrutamos de momentos alegres e outros nem tanto porém a união sempre foi o sucesso da nossa turma. Não posso esquecer das minhas companheiras do início do curso Camila e Jhuliane que trilharam outros caminhos mas o que a uepb une ninguém separa.

As minhas queridas inácias, Jussara pelo acolhimento na sua casa, pelas caronas, carinho e amizade e a inácia Samara minha companheira de estágio, de aventura, das altas risadas e das milhares de fotos. Desejo que nossa amizade supere as fronteiras e que o tempo fortaleça cada vez mais.

Agradeço a todos meus professores que contribuíram com o seu conhecimento e exemplo para a profissional que serei, de forma especial agradeço pela professora Margareth Maria de Melo por ter a difícil tarefa de ser minha orientadora e me encaminhar nesse conhecimento e luta da conscientização e valorização da cultura negra como também indígena que estudamos em sala de aula, sua história de vida é um grande exemplo para a vida.

As professoras Dr<sup>a</sup>. Nelsânia Batista da Silva e Dr<sup>a</sup>. Patrícia Cristina Aragão por aceitarem o convite para participar da banca fazendo parte desse momento único e contribuindo mais uma vez para o meu crescimento acadêmico.

Agradeço a toda a equipe maravilhosa da Escola Creche Raimunda Odete Xavier por todo carinho e apoio ao meu trabalho. De forma especial agradeço a diretora Carmem, a coordenadora Lili e as queridas professoras Lucineide, Aline, Michelle, Zinha, Milena, Luana

e Jerusa e as demais meninas as auxiliares todo sucesso para vocês, a dona Maria a melhor cozinheira de São Domingos e as meninas Márcia e Flaviana e ao seu Batista.

Os meus olhos coloridos  
Me fazem refletir  
Eu estou sempre na minha  
E não posso mais fugir  
Meu cabelo enrolado  
Todos querem imitar  
Eles estão baratinados  
Também querem enrolar  
Você ri da minha roupa  
Você ri do meu cabelo  
Você ri da minha pele  
Você ri do meu sorriso  
A verdade é que você  
Tem sangue crioulo  
Tem cabelo duro  
Sará crioulo

**OLHOS COLORIDOS**  
(Música-Sandra de Sá)



## RESUMO

O presente trabalho propõe uma análise da infância no processo de construção da identidade negra, especificamente, identificar nos comportamentos e expressões das crianças a aceitação ou não dos traços identitários do negro e conceituar a importância da história para o conhecimento e valorização da cultura afro-brasileira. A metodologia utilizada para essa pesquisa é de abordagem qualitativa de natureza participativa, pois foi realizado dois momentos em que desenvolvemos uma pesquisa inspirada pelo teste social da boneca, um trabalho realizado pelo casal Kenneth Clark e Mamie Phipps e no segundo momento de contação de história. Observamos no comportamento das crianças atitude negativa e de aversão as características negras e a si mesmo. Essa pesquisa possibilitou uma análise de comportamento da construção da identidade negra para as crianças no processo de construção do sujeito.

**Palavras-chave:** Identidade negra. Racismo. Cabelo crespo. Educação.

## **ABSTRACT**

This undergraduate thesis proposes an analysis não of the process of building black identity in the childhood, specifically identifying in the behaviors and expressions of children the acceptance or not of black identity traits and conceptualizing the importance of history for knowledge and appreciation of Afro-Brazilian culture. The methodology used for this research is a qualitative approach of participatory nature. It was performed two moments in which we developed a research inspired by the social test of the doll, first a work done by the couple Kenneth Clark and Mamie Phipps and second storytelling. We observed in the children's behavior a negative attitude and an aversion to black characteristics and oneself. This research allowed a behavioral analysis of black identity construction for children in the subject construction process.

**Keywords:** Black Identity. Racism. Curly hair. Education.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2. UMA BREVE HISTÓRIA DA ESCRAVIDÃO</b> .....	12
<b>2.1 Cultura Negra</b> .....	16
<b>2.2 Racismo, ontem e hoje</b> .....	18
<b>2.3 Cabelo e Cor: Símbolos de Negritude</b> .....	23
<b>3. FORMAÇÃO DOCENTE</b> .....	26
<b>4. METODOLOGIA DE PESQUISA</b> .....	31
<b>5. ANÁLISE DOS RESULTADOS</b> .....	33
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	38
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	39
<b>ANEXO A – O CABELO DE LELÊ</b> .....	41
<b>ANEXO B – ATIVIDADE REALIZADA</b> .....	43

# 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho dedica-se a discutir sobre o cabelo afro e a construção de padrões adquiridos na nossa cultura brasileira. O Brasil sendo um dos países mais rico em diversidade cultural e miscigenação também é um dos países mais preconceituosos com altos índices de ataques verbais e físicos aos negros.

As características negras como a cor da pele ou o cabelo afro são para muitos um problema e alvos de ataques consciente e muitos deles inconsciente. Tanto mulheres como também homens são vítimas e tem suas vidas totalmente transformada em função as suas características físicas que afeta além do seu físico, o social e psicológico.

Não basta apenas serem os adultos a sofrerem com essa imposição de padrão de beleza mas as crianças também sofrem, aliás começam a vivenciar essas questões da infância. Deste cedo ouvem apelidos, brincadeiras e atitudes de mal gosto feito por adultos que o deveriam amar e valorizar suas características, mas em vez disso estão transferindo suas frustrações e propagando um padrão imposto e idealizado socialmente, onde ditam o que é belo e feio, o que é bom e ruim. Como um cabelo pode ser ruim? Ele faz mal? Bate nas pessoas? Então por que estamos reproduzindo esse discurso e aprisionando nossas crianças com essa ideia?

Tais situações ocorre há muitos anos atrás e se faz necessário termos conhecimento da origem, conhecendo assim a cultura e a história do povo africano. Desde muito tempo somos influenciadas admirar e desejar ter o cabelo liso, que passou a ser sinônimo de beleza, praticidade, zelo e elegância. Muitas pessoas negras desejam ter o cabelo liso e rejeitam o cabelo crespo. Porque o cabelo crespo e cacheado é tão odiado e reprimido, tendo em vista o grande índice de mulheres e de homens com essas características tão marcante da nossa sociedade. Então se faz necessário refletirmos sobre nossa cultura e questionar nossas atitudes e as ideologias culturais em busca de sociedade livre do racismo, preconceito e discriminação.

Existem muitas mulheres e até mesmo homens que são infeliz com sua aparência, estão sempre em busca de se enquadrar em um padrão imposto e vendido como lindo deixando de viverem momentos únicos, como um banho de chuva por medo de “estragar” o cabelo ou deixar de sair com os amigos porque não deu tempo de fazer uma escova no cabelo. Será que esses adultos tiveram uma infância reprimida, em que só podiam usar o cabelo preso? Será que foram vítimas de comentário, apelidos e ações discriminadoras e preconceituosas de desconhecidos, amigos, professores e/ou até mesmo familiares?

Então o objetivo geral do nosso trabalho é compreender como na infância ocorre o processo de construção da identidade negra, especificamente, identificar nos comportamentos e expressões das crianças a aceitação ou não dos traços identitário do negro e conceituar a importância da história para conhecimento e valorização da cultura afro-brasileira.

A metodologia utilizada para essa pesquisa é de abordagem qualitativa de natureza participativa. Esse processo envolveu estudo de algumas referências bibliográfica de autores que contribuíram com a temática como Nilma Gomes, Paulo Freire, Martin Baur, Stuart Hall, Jocéli Santos dentre outros. Realizamos uma intervenção na Escola Creche Esperança do Mundo Melhor. Essa intervenção consistiu em dois momentos, no primeiro aplicamos o teste social da boneca, que foi criado pelo casal Kenneth Clark e Mamie Phipps em 1946, que consisti em exibir bonecas negras e branca para um grupo de crianças. Depois realizamos um momento de contação de estória do livro: “O cabelo de Lelê”.

A escolha deste tema é uma busca de autoconhecimento e de identificação pessoal, como cacheada já ouvi vários comentário negativo em relação ao meu cabelo que me machucaram quando vinha de uma pessoa querida, mas a experiência mais dolorosa foi em uma manhã de sábado na igreja quando ouvi um choro de desespero de uma criança quando corri para saber e esperando algo de pior encontrei a criança sentada com um mão no rosto e a outra no cabelo e quando eu perguntei o que tinha acontecido foi surpreendida com o motivo, as colegas tinham tirando o elástico que prendia o cabelo e ela não gostava do cabelo solto.

Fiquei tão triste com aquela situação, pois era uma criança de 8 anos que estava tão ferida psicologicamente e recebia dos seus familiares apelidos como cabelo pixaim e cabelo de bruxa. A mesma afirmou que não deseja ganhar de presente um brinquedo, mais sim, a ida para um salão para alisar o cabelo. Uma criança de 8 anos vivendo essa tortura psicológica em busca de um padrão para se sentir aceita, bonita e feliz. Essa situação me fez refletir e compreender a importância desse assunto como futura professora sei da responsabilidade que a escola contribui para a formação de valores para uma sociedade mais libertadora e acolhedora.

O trabalho está dividido na seguinte maneira um breve relato histórico do surgimento da escravidão deste da África chegando até o Brasil, como esse processo e sua cultura contribuíram para a nossa sociedade, descrição das características negras e do comportamento racista e suas práticas na nossa sociedade. Em seguida temos abordagem da educação e do papel do docente para o desenvolvimento da sociedade, nos itens seguintes temos apresentação da metodologia de pesquisa e análise da pesquisa e ações realizado com as crianças.

## 2. UMA BREVE HISTÓRIA DA ESCRAVIDÃO

A história dos negros brasileiros não se originou com o tráfico de escravos como muitas vezes fomos ensinados, mas teve início muito antes. Os autores Wlamyra Albuquerque e Walter Filho (2006) relata que século XV os europeus desembarcaram na África e eles foram surpreendidos pelo modo de vida bem distintos dos africanos. Observaram a organização social e econômica que envolvia os vínculos de parentesco em famílias, a coabitação de vários povos num mesmo local e a exploração tributária de um povo para outro.

Na África havia impérios poderosos, reinos bem consolidados como também pequenas aldeias agrupadas por laços de descendências ou linhagem e grupos de nômades de comerciantes, agricultores e pastores. O continente africano se caracterizava pela desproporção do enorme território e o pequeno contingente populacional resultando em disputas de um povo a outro em busca de acesso aos rios, expansão de reinos, controle de rotas ou de estradas, migração de grupos e transição de caravanas de mercadorias.

Devido a essas disputas que gerava guerras de povos contra outros, o grupo que vencida tinha a prática de aprisionar e levar cativos o povo inimigo que caracterizava na escravidão doméstica onde eles utilizavam desses escravos principalmente na agricultura. A posse de escravos era conceituado como poder e prestígio para seus senhores porque representavam a capacidade de auto-sustentação da linhagem então quanto mais escravos que o senhor obtinha mais poderoso ele seria principalmente se entre esses escravos estivessem mulheres e crianças como era preferido para reprodução. “O lugar social das pessoas era dado pelo grau de parentesco em relação ao patriarca ou a matriarca da linhagem familiar.” (ALBUQUERQUE, FRAGA FILHO, 2006, p.14).

No final do século VII e na metade do século VIII, a escravidão doméstica que era de pequena escala ganhou grande proporção e passou a ser um empreendimento com o comercial quando os árabes ocuparam o Egito e o Norte da África. Eram centenas de cativos que foram vendidos e trocados dentro da própria África mas como também para o localidades dos árabes e as Américas.

Entretanto, o Brasil teve grande índice de escravos para atender as necessidades econômicas tendo em vista que o Brasil obtinha grande carência de mão-de-obra para

agricultura de exportação. As condições precárias que os cativos viviam como maus- tratos, fome, trabalho excessivo, viabilizava grande números de mortes e baixa expectativa de vida para a população cativa.

A maioria dos cativos, cerca de 4 milhões, desembarcou em portos do Brasil. Por isso nenhuma outra região americana esteve tão ligada ao continente africano por meio do tráfico como o Brasil. O dramático deslocamento forçado, por mais de três séculos, uniu para sempre o Brasil à África. (ALBUQUERQUE, FRAGA FILHO, 2006, p. 40).

Para os europeus a escravidão era vista como uma missão evangelizadora para os “infieis” africanos. No século XVIII o conceito também ganhou a ideia civilização, além da visão religiosa no qual foi alegado que as cruzadas eram para pôr fim nas barbaridades e selvageria, como também para a salvação das almas africanas. “O padre Antonio Vieira considerava o tráfico um “grande milagre” de Nossa Senhora do Rosário, pois retirados da África pagã, os negros teriam chances de salvação da alma no Brasil católico.” (ALBUQUERQUE, FRAGA FILHO, 2006, p.42).

Em um sermão pronunciado em 1633 para escravos de um engenho baiano, o padre Antonio Vieira alega sobre o tráfico africanos:

Começando, pois, pelas obrigações que nascem do vosso novo e tão alto nascimento, a primeira e maior de todas é que deveis dar infinitas graças a Deus por vos ter dado conhecimento de si, e por vos ter tirado de vossas terras, onde vossos pais e vós vivíeis como gentios, e vos ter trazidos a esta, onde, instruídos na fé, vivais como cristãos, e vos salveis. Fez Deus tanto caso de vós, e disto mesmo que vos digo, que mil anos antes de vir ao mundo, o mandou escrever nos seus livros, que são as Escrituras Sagradas. (ALBUQUERQUE, FRAGA FILHO, 2006, p.43).

Porém o tráfico africanos tinha preceitos totalmente diferente dos conceitos e argumentos que muitos alegaram na época, essa prática tinha princípio econômico. Foi através do tráfico africano que os portugueses obtiveram conquistas de terras como a colonização do Brasil em busca da exploração de riquezas das terras, passado a colonizar as regiões do interior como o Mato Grosso em busca de ouro, na Amazônia com interesses de comércio, São Luiz e Belém para exportação do cacau. Cada região que os portugueses apossava leva os cativos para irem abrindo o caminho construindo estradas, atravessando os rios e criando portos.

Consentâneo da situação os negros foram povoando as regiões conduzindo sua cultura, tradição, religião, linguagem, saberes e modo de vida que agregaram na nossa cultura trazendo mais riqueza cultural.

Foi na condição de escravos que africanos e seus descendentes chegaram aos locais mais remotos da colônia. Mas, apesar da escravidão, os africanos foram atores culturais importantes e influenciaram profundamente as formas de viver e de sentir das populações com que passaram a interagir no Novo Mundo. Os europeus os trouxeram para trabalhar e servir nas grandes plantações e nas cidades, mas eles e seus descendentes fizeram muito mais do que plantar, explorar as minas e produzir riquezas materiais. Os africanos para aqui trazidos como escravo tiveram um papel civilizador, foram um elemento ativo, criador, visto que transmitiram à sociedade em formação elementos valiosos da sua cultura. Muitas das práticas da criação de gado eram de origem africana. A mineração do ferro no Brasil foi aprendida dos africanos. Com eles a língua portuguesa não apenas incorporou novas palavras, como ganhou maior espontaneidade e leveza. Enfim, podemos afirmar que o tráfico fora feito para escravizar africanos, mas terminou também africanizando o Brasil. (ALBUQUERQUE, FRAGA FILHO, 2006, p.44).

No entanto a sobrevivência cultural dos africanos foi dificultada pelo portugueses que aderiu a política de misturar escravos de diferentes regiões e etnias para os mesmos não se rebelarem contra os senhores mesmo diante dessas dificuldades o povo africanos conseguiram romper o problema da comunicação e fazer alianças e amizades se unido para manter os seus costumes e para lutarem contra os portugueses.

O enfrentamento das adversidades da escravidão muitas vezes favoreceu a união de grupos étnicos divididos na África por antigas rivalidades. A multiplicidade de povos e etnias para aqui transportadas por força do tráfico fez do Brasil um espaço privilegiado de convergência de tradições africanas diversas que ainda hoje continuam, umas mais que outras, a moldar e colorir culturalmente o país. (ALBUQUERQUE, FRAGA FILHO, 2006, p.47).

A união desses povos de diferentes etnias era o início da resistência o começo de luta para se livrar das mãos do opressor que a todo custo e oportunidade queria impedir a união dos cativos pois os senhores sabiam da suas habilidades, capacidade e força para a resistência.

Os escravos eram capturados e obrigados a percorrer longos caminhos até os portos de embarque no litoral durante toda a caminhada eles eram humilhados e maus- tratados muitos deles não conseguiam chegar até nos portos devido as doenças, fome e as crueldades sofridas. Os que chegavam eram alojados em grande barracões ou cercados por dias até meses na espera que a carga humana fosse completava para os navios. Nessa espera muitos africanos



também morriam pelas péssimas condições dos alojamentos que eram pequenos, mal ventilados e precários.

Quando completava o número de cativos para embarcação que variava de acordo com as instalações dos navios e da época, alguns transportava 500, 200 ou 350 cativos. Os comerciantes tenha o interesse de alojar o maior número possível de cativos resultado em condições péssimas desumana de viagem. Antes dos cativos entrarem nos navios negreiros eles eram feridos com ferro quente no peito ou nas costas com sinais que correspondia aos seus donos.

Essas viagem duravam em média de 35 dias até 40 dias. Os cativos eram aprisionados em pequenos porões, apinhados de um lado homens em outro mulheres, todos nus, sem espaço para ficarem em pé e sem local para suas necessidades bacias como urinar ou defecar. Eles eram alimentados uma mês ao dia com azeite e milho cozido. Com as condições precárias da viagem e a pouca ingestão de água muitos cativos ficavam doentes com desidratação e desinteira.

Relato de Mahommah G. Baquaqua sobre o interior de um navio negreiro:

“Fomos arremessados, nus, porão adentro, os homens apinhados de um lado e as mulheres do outro. O porão era baixo que não podíamos ficar em pé, éramos obrigados a nos agachar ou a sentar no chão. Noite e dia eram iguais para nós, o sono nos sendo negado devido ao confinamento de nossos corpos. Ficamos desesperados com o sofrimento e a fadiga. Oh! A repugnância e a imundície daquele lugar horrível nunca serão apagadas de minha memória. Não: enquanto a memória mantiver seu posto nesse cérebro distraído, lembrarei daqui lo. Meu coração até hoje adoce ao pensar nisto.” (ALBUQUERQUE, FRAGA FILHO, 2006, p.49).

Por causa das péssimas condições de viagem muitos cativos não sobreviviam, calculasse que cada viagem resultava de 15 mortos até 50 em cada viagem. As mortes são consequência da horrível condição das viagens como a falta de alimento, água, doenças como a febre amarela e a varíola, maus- tratos sofridos, a superlotação, além das debilidades físicas e psicológicas. Também grande índice de suicídio dos cativos que para pôr fim ao seu sofrimento e angústia se jogava no mar. Mesmo diante de grande índices de mortalidades o tráfico negreiros continuava sendo um negócio rentável.

Quando os navios chegavam as autoridades contava os escravos por sexo e anotava o números das crianças que acompanhava as mães e os traficantes pagava o imposto dos escravos acima de 3 anos de idade logo em seguida os escravos eram levados para um local

onde eram leiloados ou levados para um armazém conhecido como Valongo onde servia de alojamento para os cativos, chegando a alojar 300 a 400 cativos.

Os sobreviventes dos navios negreiros chegavam muito debilitados, tanto fisicamente como psicologicamente tudo consequência da desumana viagem. Muitos deles não sobreviviam e morriam no armazém que era tão corriqueiro que foi construído um cemitério próximo ao Valongo onde eram sepultados os cativos recém - importados.

E os demais eram preparados para a venda, inspeção e compra essa preparação ocorria da seguinte forma os cativos eram banhados, obrigados a cortar o cabelo e a barba e passavam óleo no corpo para esconder feridas ou doenças. Toda essa preparação para os africanos significava a mutilação da sua identidade eles estavam em outra região, longe de familiares, da sua cultura, religião e sendo mau- tratados, essa preparação também era um dos momentos de grande sofrimento pois implicava a desconstrução da sua identidade.

Entre as muitas formas de violência impostas ao escravo e á escrava estava a raspagem do cabelo. Para o africano escravizado esse ato tinha significado singular. Ele correspondia a uma mutilação, uma vez que o cabelo, para muitas etnias africanas, era considerado uma marca de identidade e dignidade. Esse significado social do cabelo do negro atravessou o tempo, adquiriu novos contornos e continua com muita força entre os negros e as negras da atualidade. (GOMES,2008, p.26).

## **2.1 Cultura Negra**

Nas décadas de 1920, 1930 e 1940 a ideia de democracia racial era muito presente no Brasil e havia muitos pesquisadores interessados em aprofundar os seus conhecimentos sobre a história dos negros, sua origem e cultura. Essa procura era devido o momento de entusiasmo nacionalista no período do governo de Getúlio Vargas. No qual ligava as ideias da mestiçagem com a democracia nacional que celebravam a convivência racial presumido a harmonia e união.

Nas últimas 3 décadas do século XIX no Brasil quando chegava o mês de fevereiro havia grande expectativa para o carnaval como também críticas ao Entrudo que era uma brincadeira desde o tempo da colônia que trazia diversão aos foliões no qual utilizava farinha, água e máscara até hoje essa brincadeira é bastante comum nos blocos e festas de carnavais. Mas na época havia muita críticas principalmente das pessoas da elite e brancas a essa brincadeira por questões preconceituosas por considerar que essa brincadeira dava liberdade para os negros em se comparar e igualar aos brancos.

Tal incômodo com o jogo da molhação se explicava pelo risco de que os “moleques”, a “ralé”, o “zé-povinho”, termos que designavam negros e pobres, extrapolássemos limites da brincadeira e se julgassem em pé de igualdade com os senhores, damas e senhoritas brancas. (ALBUQUERQUE, FRAGA FILHO, 2006, p.227).

Em 1880 grupos da elite branca idealizava transformar o carnaval do Brasil nos moldes do carnaval que ocorria em Paris, Nice e Veneza com fantasias de luxo, alegorias, batalhas de confeitares. Então utilizaram da imprensa para criar campanhas contra o Entrudo e com ajuda da polícia foram criados decretos, punições, multas e prisões para eliminar as práticas e as brincadeiras dos Entrudos.

Tudo isso com o discurso de tempo de civilização mas na verdade era uma prática racista que desde o tempo da colônia nos discursos dos Padres, dos senhores e dos traficantes para encobrir os seus interesses econômicos utilizava do discurso da religião da salvação dos africanos como sua civilização no qual criava a imagem e a ideia que os africanos precisava serem civilizados ainda hoje encontramos discurso desses para encobrir atitudes racista, discriminatórias e preconceituosas.

No começo do século XX no Rio de Janeiro os grupos de foliões da elite que tinha dinheiro para consumir as fantasias de luxo importada diretamente de Paris como também os adereços, bugigangas e alegorias importado da Europa desfilava no Entrudo e eram comemorados e admirados pela imprensa com o desfile tão sonhado e desejado.

O colorido e o brilho das alegorias e fantasias encantavam tanto aos que assistiam os desfiles do alto das sacadas e janelas, quanto aos que se espremiavam nas ruas. Intelectuais e jornalistas esperavam que, mais do que se deslumbrar, todos, negros e brancos, aprendessem a forma civilizada de se divertir. (ALBUQUERQUE, FRAGA FILHO, 2006, p.229).

Entretanto como podemos observar as práticas do Carnaval idealizado pela elite nos moldes do carnaval da Europa não obtiveram tanto sucesso apesar da intensa repreensão e fiscalização. “De fato a influência europeia estava longe de ser suficiente para suprimir expressões das tradições negras que o Carnaval trazia a público.” (ALBUQUERQUE, FRAGA FILHO, 2006, p.229).

Na região do porto onde habitava grande parte da população negra que também era conhecido como Pequena África eram organizado e festejado os ranchos e os cordões que proporcionava alegria aos foliões. “Rancho é como se denominavam os grupos de festeiros

que, reeditando um costume português, se apresentavam durante as celebrações católicas, especialmente o Natal e a festa de Reis.” (ALBUQUERQUE, FRAGA FILHO, 2006, p.229).

Ranchos, cordões e blocos tinham raízes firmes nos terreiros de Candomblé. Pode-se dizer que, em diferentes lugares do país, as religiões afro-brasileiras foram espaço de preservação de heranças africanas e, sobretudo, de criação de uma cultura negra. O curioso nisso tudo é que, enquanto políticos, jornalistas e intelectuais imaginavam que o modelo do Carnaval europeu estava contribuindo para o que chamavam de “civilização dos negros brasileiros”, estes criativamente “africanizavam” a festa. (ALBUQUERQUE, FRAGA FILHO, 2006, p.235-235).

Os negros foram incorporando suas tradições e cultura na sua nova realidade e situação de vida como forma de luta e preservação das suas origens pois os mesmos tinham orgulho e compreensão de tais importâncias.

Como Paulo Freire afirma no seu livro *Pedagogia do Oprimido* (1987, p.237) “Significando a união dos oprimidos, a relação solidária entre eles não importam os níveis reais em que se encontrem como oprimidos, implica também, indiscutivelmente, consciência de classe.”

Os negros tinham essa consciência de classe e a incansável busca de libertação e igualdade então se uniam para uns ajudar os outros. “Criar formas de subverter, de encontrar alternativas às determinações nascidas do racismo das autoridades foi, como continua a ser, o exercício rotineiro da população negra.” (ALBUQUERQUE, FRAGA FILHO, 2006, p.237).

## **2.2 Racismo, ontem e hoje**

O nascimento do racismo é consequência e propagação do discurso de inferioridade dos negros em relação aos brancos, durante o século XX as teorias racistas se difundiram na sociedade brasileira onde vigorizaram o projeto de branqueamento até ser substituído pela ideologia da democracia racial.

O racismo é um princípio ativo do processo de colonização onde o homem branco e sua cultura são valorizados e se negava e desprezava tudo relacionando aos negros reinando o conceito de superioridade racial porém coberto pelo discurso da elite nacional onde garantia que tinham evitado o preconceito racial com presença dos descendentes dos africanos entre a população brasileira.

Os defensores da escravidão nunca, virtualmente, recorriam a teorias de inferioridade racial, e antes do clímax da abolição da escravidão no Brasil, em 1888,

a maior parte da sua elite pouca atenção dava ao problema da raça em si, bem como à relação entre as características raciais do país e seu desenvolvimento futuro. (SKIDMORE, 1976, p. 12, apud JACCOUD, 2008, p.46-47).

A elite colonial não organizaram um sistema de discriminação mas compartilhava de conjuntos estereótipos negativos em relação ao negro, na visão deles havia uma hierarquia social onde o bom, o positivo seria o mais próximo da cultura europeia. Com a abolição da escravidão não deu o fim desses valores mas foi notório a força que teve o preconceito e a discriminação racial pois tinha as tese de racismo científico para proporcionar o crescimento desses valores distorcidos. O racismo científico tinha a ideia que a humanidade estava dividida em raças e a raça dominante da hierarquização era a branca que obtinha posição superior.

O período da abolição coincide com o nascimento da República, entretanto, a República não promoveu ações em defesa da população negra pois a ideia de um país de progresso e liberalista só era possível com um país de brancos, as desigualdades de raças era dita como diferenças de natureza onde restrições era feita para os negros.

Os negros eram impedidos de trabalhar e fazer outras coisas pois a elite acreditava na tese de superioridade da raça branca, onde inferiorizava o negro como incapaz, desprovidos de inteligência e fortalecendo os mecanismos de discriminações e estimulando a imigração europeia. Inspirada nas teorias científicas raciais as teses adotados pelo Brasil foi estimulando a miscigenação como solução de melhoria do país onde através da miscigenação ocorria predominância da cor branca. Então com essas ideias foi defendido a tese do branqueamento como forma de exterminar a raça negra.

A tese do branqueamento baseava-se na presunção da superioridade branca, às vezes pelo uso dos eufemismos raças “mais adiantadas” e pelo fato de ficar em aberto a questão de ser a inferioridade inata. À suposição, juntavam-se mais duas: Primeiro – a população negra diminuiria progressivamente em relação à branca. Segundo – a miscigenação produzia “naturalmente” uma população mais clara, em parte porque o gene branco era mais forte e em parte porque as pessoas procurassem parceiros mais claros [...]. (SKIDMORE, 2012, p. 81 apud SANTOS; SILVA,2018, p.257).

O início da República no Brasil foi marcado pela tese do branqueamento, que fundamentava na crença na superioridade branca e acreditava que para ocorrer o progresso do país além do desenvolvimento econômico e implantações de instituições, deveriam desaparecer com os negros pois a presença dos negros era vista como um mal para a

sociedade e o país. Então para obter um país moderno a nação deveria ser mais branca então como processo de modernização e melhoria para o país a entrada dos imigrantes europeias ocorrendo a miscigenação a população negra iria diminuindo e assim o processo de modernização seria ganhando espaço.

Em 1930 o discurso racista foi sendo substituído e surgiu o pensamento racial onde se destacava a maneira positiva da mestiçagem do Brasil e valorização das diferenças raciais. Entre as décadas 1920 e 1930 o conceito de raça foi perdendo força e as desigualdades raciais não era mais discutidas.

República não foi capaz de promover ações em defesa da ampliação das oportunidades da população negra. A formulação e consolidação da ideologia racista ocorrida nesse período permitiu a naturalização das desigualdades raciais que foram, assim, reafirmadas, em um novo ambiente político e jurídico. Não mais separadas pelo direito de propriedade, pela história, religião ou cultura, as raças se separariam por desigualdades naturais. (JACCOUD, 2008, p.52).

Em 1940 surgiu a ideia da democracia racial como expressão da experiência brasileira, a democracia racial trouxe mudanças, mais debates sobre a questão social no Brasil onde proporcionou mudanças sobre a ideia de raça, onde cada vez mais era discutido e dava lugar nas ciências sociais e o ideal do branqueamento ficou ultrapassado e nesse período o conceito estava na valorização do povo brasileiro.

[...] o conceito de Raça, [...] passou a considerar um contingente político, de pessoas afrodescendentes – mestiças ou não – que sofre discriminação pela cor. Passou a ser um componente ideológico na luta contra o racismo, ou seja, de luta contra toda a forma de segregação baseada na cor. Ele se constitui, [...] como um conceito identificador, tanto de um grupo como de uma postura política” (COELHO, 2009, p. 75 apud SANTOS; SILVA, 2018, p.265).

Porém os preconceitos e estereótipos raciais continuaram presente, o racismo desqualifica o negro que é restringido o seu lugar na sociedade como também no mercado de trabalho. As desigualdades raciais estava relacionada a pobreza, ocorrendo muito carência da população negra, falta de preparação para atuar no mercado de trabalho.

No final da década de 1970 a manutenção dos estereótipos e práticas discriminatórias não era apenas uma preocupação do Movimento Negro como também de pesquisadores que se dedicaram aos temas das desigualdades e da mobilidade social.

No período de 1930 até 1980 a situação dos negros e dos mestiços no mercado de trabalho não teve crescimento como o esperado, pois foi dando fim na mão-de-obra dos imigrantes, seria uma oportunidade para os negros e brancos mas no processo de competição social a cor, como critério de seleção no mercado de trabalho varia segundo o perfil de ocupação, houve uma piora da posição relativa a ocupação dos negros.

A discriminação não atua isoladamente mas está relacionada com outros mecanismos, onde é responsável pela reprodução da pobreza, da restrições de oportunidades para os negros no país.

Em 1980 a população negra começa a ter acesso aos serviços de saúde, educação, segurança e entre outros, devido a suas lutas constaste e organização foram ganhando força e voz diante de toda discriminação da sociedade é notório a resistência e organização dos negros que desde o início da escravidão lutaram e resistiram contra uma sociedade racista e preconceituosa “a raça negra, mesmo na condição de oprimida, conseguiu fabricar mecanismos de enfrentamento do racismo a ponto de conseguir que suas tradições chegassem vivas até os nossos dias.” (MELO, 2012, p.52).

Frutos desse processo de organização o Estado tem proporcionando direitos e leis que garante melhoria de vida para a população negra e combate ao racismo, discriminação e xenofobia.

Ainda é necessário que haja um reconhecimento racial no Brasil onde tem duas vias, o tratamento igualitário dos negros e brancos e avanços no campo da desnaturalização da pobreza.

Existe muitas pessoas que alegam que hoje não existe mas preconceito e nem discriminação que esse assunto não é necessário e que essas questões ficaram no passado do nosso Brasil embora atualmente essas questões sejam tão presentes e não enxergamos ou não queremos vê.

Como piadas racistas, conceitos e estereotipo arcaicos e racistas onde inferioriza o negro com piadas do tipo “Só podia ser negro!”, “Todo negro é amostrado”, “Caatinga de negro” enfim, são muitas expressões que são utilizadas para ridicularizar e expor o negro, também é comum que o próprio negro reproduzam para ser aceito ou porque sempre ouviu e só reproduz e não reflete e nem se identifica como negro, engando-se assim mesmo.

No Brasil, o racismo, a discriminação e o preconceito racial que incidem sobre os negros ocorrem não somente em decorrência de um pertencimento étnico expresso na ida, nos costumes, nas tradições e na história desse grupo, mas pela conjugação desse pertencimento com a presença de sinais diacríticos, inscritos no corpo. Esses

sinais remetem a uma ancestralidade negra e africana que se deseja ocultar e/ou negar. Além disso, são vistos como marcas de inferioridade. A presença desses sinais é rejeitada pelo ideal do branqueamento e tratada de maneira eufemística no mito da democracia racial. (MELO, 2008, p.31-32).

O cabelo é uma das características onde gera mais piadas e brincadeiras desagradáveis e de mau gosto. Já começa pelo tratamento e o nomes que se é colocado no cabelo afro. Expressões como cabelo duro, indomável, cabelo pixaim, cabelo de bucha, cabelo ruim enfim são inúmeros nomes para classificar e o cabelo afro que o inferior.

É normal encontrar em lojas de variedades perucas que são conhecidas como peruca nega maluca onde existe de várias cores e até colorida com cores fortes e vibrantes essas perucas são comercializadas para divertimentos e usadas principalmente no carnaval. Muitas pessoas utilizam como fantasia para brincar e pularem blocos carnavalescos, como ser negro foi uma fantasia algo irreal e não tivesse história, tradição Cultura e etnia.

O uso da peruca como arremedo do cabelo do negro afasta-se daquele usado por algumas culturas da África pré-colonial. Durante a escrita deste trabalho, em vários momentos, fui alertada pelo meu orientador de que algumas etnias africanas cortavam o cabelo da cabeça, guardavam e o retrabalhavam em forma de peruca. Essas eram usadas como forma de embelezamento, em momentos rituais e ajudavam a compor a estética corporal. A textura do cabelo, naquele momento, não era classificada como “feia” ou “crespa”, mas como importante particularidade do corpo do africano, uma vez que lhe possibilitava diferentes tipos de modelagem dos fios. (GOMES, 2008, p.211).

Porém atualmente é utilizado o uso da peruca afro como forma de ridicularização, retirado todo o significado e importância cultural e propagando a ideia do cabelo afro como ridículo e feio. É comum, em peças ou eventos nas escolas utilizar uma personagem “Nega Maluca”, uma pessoa negra ou até mesmo se caracteriza de negra para fazer passos ditos como engraçados ao som da música *Nega Maluca* do grupo *As Meninas*, onde utiliza apenas do refrão que diz:

Nega maluca, nega maluca, doida doidooidaaaa  
 Nega maluca, nega maluca, doida doidooidaaaa  
 Eu quero ver você mexer eu quero ver você sambar  
 Eu quero ver você mexer eu quero ver você sambar  
 Segure aqui segure ali, só não pára de quebrar



Eu quero ver você mexer eu quero ver você sambar  
Segure aqui segure ali, só não pára de quebrar  
Balance os braços, cabeça, perna e pescoço  
Nega maluca balança o corpo todo  
Balance os braços, cabeça, perna e pescoço  
Nega maluca balança o corpo todo  
Então balança o corpo todo, não deixe cair nada.

Como nossas crianças irão sentir-se representadas e valorizadas diante dessas práticas que expor ao ridículo, naturalizado atitudes racistas, inferiorizado e desvalorizado a cultura e históricas de um povo guerreiro que resistem até hoje embora essa história não seja contada e ensinada de forma correta.

### **2.3 Cabelo e Cor: Símbolos de Negritude**

As características físicas ganham destaque na identificação de raças, os mais comuns são a cor da pele e o tipo cabelo. Na nossa sociedade o padrão de beleza e a pele branca e cabelo liso.

[...] identidade é construída historicamente em meio a uma série de mediações que diferem de cultura para cultura. Em nosso país, o cabelo e a cor da pele são as mais significativas. Ambos são largamente usados no nosso critério de classificação racial para apontar quem é negro e quem é branco em nossa sociedade, assim como as várias gradações de negrura por meio das quais a população brasileira se autoclassifica nos censos demográficos. (GOMES, 2008.p.21).

A busca para se encaixar nesse padrão é bastante comum e chega até ser cruel muitos sofrem com sua aparência e para fugir dos olhares críticos e julgamentos tentando se embranqueça e nesse processo se tornam pessoas tristes, sem liberdade e sem identidade própria e faz de tudo para serem aceitas e nunca está o bastante se tornando um círculo sem fim aumentado as feridas e contagiado outros.

A identidade deve ser adquirida desde a infância esse sentido de pertencer de sentir representado é de suma importância para o desenvolvimento físico, mental e social do indivíduo. Para Stuart Hall (2006.p.48) “as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas; no interior da representação.”

Essa construção de identidade acontece no convívio e na representação e no sentimento de pertencer a uma grupo, sentir-se familiarizado e se reconhecer nos seus traços físicos e culturais. Segundo Nilma Gomes (2008, p.27) “A construção da identidade negra se dá no espaço da casa, da rua, do trabalho, da escola, do lazer, da intimidade, ou seja, na relação entre o público e o privado.”

Porque a negra e o negro não se sente bonita e confiante com o cabelo crespo? Ao colocar um alongamento, raspar ou usar tranças que deixam ele e ela mais confiante e assim eles assume a sua negritude embora esteja negado uma característica tão importante que é o seu cabelo?

A possibilidade de ter o cabelo desejado, via uma intervenção estética específica, somada à rejeição do cabelo crespo natural, impulsiona algumas jovens a adotar atitude mais agressiva diante do mundo e, principalmente, dos homens. Já que a textura do cabelo tem sido um dos fatores da rejeição vivida e sentida pela mulher negra desde a infância (cabelo de Bombril, nega-do-cabelo-duro, etc.), a ilusão de “ver-se livre desse cabelo” produz, em algumas delas, sentimento de autonomia. Essas, aos usarem o cabelo alongado, dizem sentir-se mais senhoras de si e, por mais paradoxal que possa parecer, mais negras. (GOMES,2008, p.259-260).

Essas questões estão ligado a pressão social e concepção do belo que são adquiridos isso na nossa construção do conhecimento, vivendo em sociedade. A influência da mídia e da sociedade nos faz acreditar que o cabelo crespo é “ruim” e inadequado assim até a mulher negra negar o seu cabelo por causa dessa influência e concepção que o leva a sentir feia, menos respeitada, menos atraentes e até menos mulher. Não que seja errado usar de penteados ou de alongamentos mas a partir do momento que a mulher usa desses penteados para se sentir segura e confiante negando se a si mesma chega a ser preocupante.

Segundo Nilma Gomes (2008, p.280) “a palavra estética é originária do grego *aisthesis* e etnologicamente significa a faculdade sensível, a faculdade de recepção das sensações.” Ou seja a estética é a ciência da sensibilidade que se entende o significado do belo através dos sentidos e valores adquiridos.

A beleza pode ser, então, entendida como uma categoria estética e construção social, como uma maneira de nos relacionarmos com o mundo. Ela não tem a ver como formas, medidas, proporções, tonalidades e arranjos pretensamente ideais que definem algo como belo. Sendo assim, beleza não se refere às qualidades dos objetos, mensuráveis, quantificáveis e normatizáveis. Ela diz respeito à forma como

nos relacionamos com eles, por isso ela é a relação entre sujeito e objeto (DUARTE JR.,1998, p.13-14 apud GOMES,2008, p.281).

Nossa relação com o mundo, os lugares que frequentamos, nossa cultura enfim, todo o meio que estamos inseridos nos influencia e altera nossa visão do que é belo. Assim como a identidade é construído através da identificação do sujeito com o meio, também ocorre para a construção do objeto de beleza. Então Comprendemos como é de suma importância a representação e o valor da identificação do sujeito com objeto.

### 3. FORMAÇÃO DOCENTE

Atualmente existe muitas instituições de ensino e a demanda de profissionais também é grande por intermédio disso cresce o número de professores e o número de faculdade para as licenciaturas. Como será que as faculdades estão preparados os docentes para atuarem nas instituições?

É visto que a necessidade e o desejo maior é formação desses sujeitos em prazo curto, formado sujeitos em bons profissionais treinados para obedecer, seguir regras, não criticar e nem refletir apenas continuar no processo de alienação com os alunos, pois para esses, o papel do professor é apenas ensinar os alunos a ler e escrever.

A educação é libertadora, ela liberta o sujeito da ignorância, alienação, faz o alunos pensarem, refletirem e agir. Para ocorrer essa educação libertadora é necessário que o professor tenha consciência do seu papel e busque também o seu crescimento enquanto sujeito. A educação prepara nossas crianças para o mercado de trabalho e para conviver em comunidade, então é necessário que além do conhecimento profissional ele também amadureça como sujeito, aprenda a respeitar e valorizar as diferenças.

Paulo Freire (2014, p. 42) no seu livro *Pedagogia do Oprimido* trata desse assunto ele diz “A ‘ordem’ social injusta é a fonte geradora, permanente; desta ‘generosidade’ que se nutre da morte, do desalento e da miséria”.

A alfabetização e o ensino não se resume apenas em aprender a ler e escrever palavras mas conscientizar culturalmente, politicamente, socialmente o aluno a produzir com suas próprias palavras o seu discurso e não repetir o discurso de outros. Isso ocorre através do exercício da reflexão da realidade opressora que estão inseridos.

A práxis é a reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela é impossível a superação da contradição opressor-oprimidos. Desta forma, esta superação exige a inserção crítica dos oprimidos na realidade opressora, com que, objetivando-a, simultaneamente atuam sobre ela. (FREIRE, 2014, p. 52-53).

A educação libertadora vem construindo nos sujeitos essa ação refletiva, dialógica onde o sujeito se conscientiza das ações opressoras e do contexto do mundo opressor. Então busca a libertação e autenticidade de si mesmo, nascendo outra mesmo, superado seus medos

e conquistados sua liberdade por intermédio das suas ações e discurso. Paulo Freire nomeou a pedagogia do oprimido para essa educação que humanista e libertadora.

A pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se, na práxis, com a sua transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação. (FREIRE,2014, p.57).

Em busca dessa libertação é necessário a união de todos, da escola, família e da comunidade para promover uma sociedade mais humanizada e consciente das suas ações, a escola deveria ser um ambiente acolhedor e formador de sujeitos para o mundo. O professor deveria ter a responsabilidade de facilitar esse processo de libertação. Então é de suma importância que o professor tenha conhecimento e aplique nas suas práticas o respeito e a valorização das culturas.

Porém muitos professores estão se anulando nesse processo e como dito anteriormente tem formação mecânica e produz isso nas suas aulas, então preocupados em enchê-los de conteúdo exercícios prontos onde os mesmos memorizam apenas com a finalidade de serem aprovados nos exames escolares.

A narração, de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em “vasilhas”, em recipientes a serem “enchidos” pelo educador. Quanto mais vá “enchendo” os recipientes com seus “depósitos”, tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente “encher”, tanto melhores educandos serão. Desta maneira, a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador, o depositante. Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. (FREIRE,2014, p.80).

Paulo Freire chama essa educação de bancária pois na visão dessa metodologia o professor é o doador do conhecimento e faz uma transmissão aos alunos que não tem nenhum conhecimento.

O educador, que aliena a ignorância, se mantém em posições fixas, invariáveis. Será sempre o que sabe, enquanto os educandos serão sempre os que não sabem. A

rigidez destas posições nega a educação e o conhecimento como processos de busca. (FREIRE,2014, p.81).

Essa educação acontece muitas pessoas pela oposição da gestão escolar que querem e exige notas máximas para serem reconhecidos como a melhor escola e obter índices altos nas provas do estado ou município. Atualmente a educação passou a ser um mercado onde a preocupação e intenção é comprar profissionais treinados para o mercado de trabalho.

A educação deve preparar o sujeito para atuação no mercado do trabalho sim, mas como deve ser esse ensino? E como estão sendo esses profissionais? Eles estão preparados para atuarem e viverem em sociedade? São profissionais qualificados e atuam de forma eficiente ou apenas mecânica? Essa respostas obtemos quando analisamos o contexto da educação que os mesmo estão inseridos e quem foram os seus professores e qual processo foram usados.

É isto que nos leva, de um lado, à crítica e à recusa ao ensino “bancário”, de outro, a compreender que, apesar dele, o educando a ele submetido não está fadado a fenececer; em que pese o ensino “bancário”, que deforma a necessária criatividade do educando e do educador, o educando a ele sujeitado pode, não por causa do conteúdo cujo “conhecimento” lhe foi transferido, mas por causa do processo mesmo de aprender, dar, como se diz na linguagem popular, a volta por cima e superar o autoritarismo e o erro epistemológico do “bancarismo”. (FREIRE, 1996, p.13).

O professor democrático em sua prática de docente irá reforçar no aluno sua capacidade de criticar e refletir, criando situações que proporcione aos alunos desenvolver investigações, inquietações e curiosidade. Levando ao aluno pensar certo e transformar o seu meio, sendo uma construção diária e constante.

O papel do professor é ser um colaborador nesse processo de aprendizagem onde o alunos desenvolve no autoconhecimento e assim ocorre a transformação de pensamentos e atitudes. Essa prática não é uma tarefa fácil mas de suma importância e edificante para construção de uma sociedade consciente e desenvolvida.

O professor está sempre em constante crescimento intelectual em busca de fonte e de métodos que agregue ao seu trabalho e que respostas as suas indagações e assim haja o pensamento do certo.

Pois para Paulo Freire o pensamento certo não está no ato acabado e correto mas na procura das respostas dos problemas e tendo em vista que é natural se enganar e as vezes

pensar errado porque para ocorrer o pensamento certo é necessário pensar errado e está em constante pesquisa do desconhecido.

Quando o professor pensa dessa forma ele dá valor as experiências e conhecimentos prévios dos alunos, sabe da importância e diferencia que faz no processo de conhecimentos dos mesmos, esse descobrimento parte dos seus prévios conhecimentos e experiências. Então o professor respeita os conhecimento prévios dos alunos e colabora para esse crescimento intelectual.

Na verdade, a curiosidade ingênua que, “desarmada”, está associada ao saber do senso comum, é a mesma curiosidade que, cretinizando-se, aproximando-se de forma cada vez mais metodicamente rigorosa do objeto cognoscível, se torna curiosidade epistemológica, iluda de qualidade mas não de essência. A curiosidade de camponeses com quem tenho dialogando ao longo de minha experiência político-pedagógica, fatalistas ou já rebeldes diante da violência das injustiças, é a mesma curiosidade, enquanto abertura mais ou menos espancada diante de “não-eus”, com que cientistas ou filósofos acadêmicos “admiram” o mundo. Os cientistas e os filósofos superam, porém, a ingenuidade da curiosidade do camponês e se tornam epistemologicamente curiosos. (FREIRE,1996, p.15).

O professor consciente do seu papel de educador sabe que não é um ser dotado de conhecimento único, e por isso tem por responsabilidade ou generosidade com o mundo de transmitir o seu conhecimento.

Ele entende que suas práticas são importante na construção dos alunos, ambos aprendem com suas trocas de experiências e conhecimentos. Isso ocorre por meio do diálogo, do respeito, da união, valorização e reconhecimento do conhecimento como uma arma de progresso e liberdade para a sociedade.

A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer. O saber que a prática docente espontânea ou quase espontânea, “desarmada”, indiscutivelmente produz é um saber ingênuo, um saber de experiência feito, a que falta a rigorosidade metódica que caracteriza a curiosidade epistemológica do sujeito. Este não é o saber que a rigorosidade do pensar certo procura. Por isso, é fundamental que, na prática da formação docente, o aprendiz de educador assuma que o indispensável pensar certo não é presente dos deuses nem se acha nos guias de professores que iluminados intelectuais escrevem desde o centro do poder, mas, pelo contrário, o pensar certo que supera o ingênuo tem que ser produzido pelo próprio aprendiz em comunhão com o professor formador. E preciso, por outro lado, reinsistir em que a matriz do

pensar ingênuo como a do crítico é a curiosidade mesma, característica do fenômeno vital. Neste sentido, indubitavelmente, é tão curioso o professor chamado leigo no interior de Pernambuco quanto o professor de Filosofia da Educação na Universidade A ou B. O de que se precisa é possibilitar, que, voltando-se sobre si mesma, através da reflexão sobre a prática, a curiosidade ingênua, percebendo-se como tal, se vá tornando crítica. (FREIRE,1996, p.17-18).

A educação libertadora traz esperança de uma sociedade melhor com igualdade, respeito, tolerância, harmonia, liberdade e união. Embora na práticas atualmente observamos professores, instituições e governo descrentes dessas concepções e agindo de forma contrária, temos manter nossas esperanças e forças para juntos lutarmos por uma sociedade mais justa e igualitária.

A esperança de que professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos à nossa alegria. Na verdade, do ponto de vista da natureza humana, a esperança não é algo que a ela se justaponha. A esperança faz parte da natureza humana. Seria uma contradição se, inacabado e consciente do inacabamento, primeiro, o ser humano não se inscrevesse ou não se achasse predisposto a participar de um movimento constante de busca e, segundo, se buscasse sem esperança. A desesperança é negação da esperança. A esperança é uma espécie de ímpeto natural possível e necessário, a desesperança é o aborto deste ímpeto. A esperança é um condimento indispensável à experiência histórica. Sem ela, não haveria História, mas puro determinismo. Só há História onde há tempo problematizado e não pré-dado. A inexorabilidade do futuro é a negação da História (FREIRE,1996, p.29).

Diante disso, a esperança traz história e experiência de ação e mudanças necessária. Está ligada a alegria de viver, aprender, lutar e vencer os obstáculos da vida, em busca de um lugar melhor no mundo. A prática do docente proporciona esses elementos e mudança dos sujeitos e da assim do mundo.



## 4. METODOLOGIA DE PESQUISA

A metodologia utilizada para essa pesquisa é de abordagem qualitativa de natureza participativa, pois foi realizado dois momentos em que desenvolvemos uma pesquisa inspirada pelo teste social da boneca, um trabalho realizado pelo casal Kenneth Clark e Mamie Phipps com crianças negras da escola pública em bairros pobres que consistia em exibir bonecas negra e branca para um grupo de crianças e pedia-se que atribuíssem determinadas características as bonecas como qual era a bonita, feia, boa e má. O teste da boneca possibilita de forma simples e indireta observar algumas questões sociais que refletem nas atitudes, pensamentos e comportamentos das crianças. E foi um trabalho de suma importância para o movimento negro, para luta pelos direitos civis dos negros e para a Suprema Corte dos Estados Unidos avaliar a segregação racial na educação.

A intervenção foi realizado no dia 01 de julho de 2019 na Escola Creche da zona rural de Pernambuco. Cada criança foi levada individualmente para a sala de aula onde estavam duas bonecas, uma branca e outra negra e algumas perguntas foram feitas em que comparava as duas bonecas.

Na nossa pesquisa teve a participação de 15 crianças sendo 10 meninos e 5 meninas com a faixa etária aproximadamente entre 3 aos 4 anos. Foi realizado na sala de aula das próprias crianças no horário da recreação.

A tabela abaixo mostra o resultado em número das perguntas. Na primeira coluna temos as perguntas realizadas para as crianças, porém nem todas as perguntas foram feitas para cada criança, as perguntas padrões que foram realizadas para todas foram as perguntas 1,3,4 e 8, na segunda coluna as respostas para a boneca branca e na terceira as respostas para as boneca negra.

Perguntas	Boneca Branca	Boneca Negra
1.Qual boneca é mais bonita?	9	6
2. Qual boneca você gosta mais?	4	2
3. Qual delas tem a cara de brava?	1	14

4. Qual das bonecas tem cara de boa?	12	3
5. Qual é a boneca negra?	1	1
6. Qual é a boneca branca?	2	1
7. Qual parece com você?	9	3
8. Qual boneca tem cara de princesa?	12	3

Na mesma semana foi realizado o segundo momento, a contação da estória. O cabelo de Lelê da autora Valéria Belém (anexo A). Nesse momento utilizamos imagens do livro citado para contação da estória, foi realizado de forma informal, com a participação das crianças e com algumas indagações para as crianças sobre as situações da imagem e sendo assim dava continuidade com a estória. Observamos que nesse momento houve bastante interação positiva com as imagens e a estória. Em seguida foi realizado com os alunos e as alunas uma atividade (anexo B) retirada do blog A arte de ensinar e aprender, com objetivo de enfatizar e relacionar o tipo de cabelo da criança e do personagem do livro. A seguir apresentaremos os resultados identificados na análise.

## 5. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Os resultados obtidos na nossa pesquisa de intervenção realizado em 2019 é lamentável pois mostra o quanto estamos perdido no tempo e vivendo do passado, nossa sociedade está mergulhada em conceitos ultrapassados e terríveis desde época do Brasil Colônia. Em que a sociedade inferiorizava os negros e suas cultura negando sua participação e construção do nosso país. Refletindo nas nossas crianças atitudes negativas que são adquiridas de geração em geração, nesta pesquisamos observamos nas crianças atitude negativa e de aversão as características negras e a si mesmo.

A educação deveria ser o meio de autoconhecimento e esperança para um futuro melhor e algo esclarecedor e que influencia na nossa sociedade gerando sujeitos melhores e uma sociedade justa. Esse processo se inicia na educação inicial fase que as nossas crianças estão se construindo enquanto sujeitos e aprendendo a conviver em sociedade.

Utilizamos como recurso as bonecas para observar nas crianças a empatia e afeição com a identidade negra, pois enquanto a criança brinca ela aprende e se desenvolve. Segundo Castelar (et al, 2015) os brinquedos e as brincadeiras acompanham e fazem parte do processo educativo das crianças contribui grandiosamente no processo de formação do sujeito pois ao brincar a criança está se relacionando com o meio e adquirindo valores e sendo assim, formando sujeito. Nossas crianças negras ainda sofrem com a produção e reprodução de um modelo eurocêntrico, baseado nos conceitos ultrapassados e históricos da escravidão.

Segundo Castelar (et al, 2015, p.3) “Os brinquedos são artefatos culturais que materializam práticas divisórias, relações de poder e de saber, forjam assujeitamentos por meio da socialização de crianças baseada em valores socioculturais presentes na sociedade.” Á vista disso, é necessário refletirmos e observarmos nossas atitudes e brincadeiras para construir valores de aceitação, respeito e empoderamento nas nossas crianças.

Portanto, compreendemos a importância que o brinquedo e as brincadeiras representam e sua força na construção social que acolhemos o teste da boneca para observarmos dessa realidade na prática

Observamos que na primeira pergunta a boneca branca foi escolhida por mais vezes, porém com pouca diferença para a boneca negra, esse resultado porém chama atenção em comparação com as respostas das demais perguntas. Como foi notado nas demais perguntas

os resultados negativos tiveram grande índice para a boneca negra mas na primeira pergunta não houve tanta aversão, o motivo poderia ser pelo fato de ser a primeira pergunta então a resposta foi impensada ou por encanto de ver uma boneca negra tenha contribuído para a sua empatia com a boneca negra.

Ao questionar uma criança sobre a sua escolha pela boneca branca como há mais bonita a mesma me respondeu que gostava dela porque “tinha no mercado”. Notamos a importância da representação e quanto importante é para nossas crianças negras a influência da mídia, do mercado, dos livros, enfim, do meio para sua construção da identidade.

Difícilmente encontramos bonecas negras em lojas, mercados ou outros pontos de vendas o comum é ter as bonecas brancas em destaques nas prateleiras das lojas. As crianças negras não se sente representada diante da imagem da boneca branca, mas cria uma admiração e idealização do conceito de belo, desejado ser semelhante.

Desde a infância as crianças são marcadas pelo estereótipo depreciativo do negro, isso influencia no seu processo de identidade e de concepção de beleza. “A construção da criança ocorre de forma gradativa, através das interações sociais estabelecidas por ela, em que o modo como uma criança é vista pelo outro também interfere em como ela própria se vê” (CASTELAR, *et al*, 2015, p.3). Assim, se a criança está em um grupo familiar ou escolar que trata o negro de forma negativa, mesmo que seja de forma indireta, ela vai entender essa rejeição e reproduzir. Se for uma criança negra, a situação fica mais complexa, muitas vezes levando a rejeição da própria identidade.

Nessa mesma pergunta outra resposta se destacou ao perguntar sobre qual era a boneca mais bonita um garoto respondeu que era a branca porque a outra boneca tinha a “cara preta” esse mesmo garoto é negro e em todas suas respostas ele favoreceu a boneca branca e ao responder a 7ª pergunta *Qual destas bonecas parece com você?* ele apontou para a branca. Segundo GOMES (2008, p.112) “movimento de rejeição/aceitação construído socialmente pelo negro insere-se ainda em um universo mais amplo que incluem dimensões históricas, sociais, culturais, políticas e psicológicas.” Como vimos anteriormente, essa negação ou rejeição da identidade negra é uma questão complexa que exige atenção e cuidado dos professores.

A terceira pergunta *Qual delas tem a cara de brava?* O resultado é assustador e preocupante 14 crianças das 15 entrevistadas apontaram para a boneca negra e nenhuma delas souberam responder o que. Como foi dito anteriormente, o negro tem o estereótipo negativo associado a criminoso, pobre, etc. Esses conceitos são construídos muitas vezes pela mídia que associa a imagem do negro ao negativo, nas novelas o galã é o cara branco, rico e

inteligente e os papéis atribuídos ao negro são geralmente associado aos empregados, bandidos e moradores de favela.

O Estatuto da Igualdade Racial no artigo 43 diz “A produção veiculada pelos órgãos de comunicação valorizará a herança cultural e a participação da população negra na história do país”. A lei também impõem a presença de atores negros nos programas não em situações de inferioridade, mas de contribuição com enredo e a história. As peças, filmes, propagandas, nas redes tenha a participação dos afro-brasileiros. Apesar desse crescimento de negros em papéis e programas importante ainda observamos carência nessa área, são pouco conteúdos e ação sobre esse assunto.

Reflexo disso observamos nas respostas das crianças, na quarta pergunta *Qual das bonecas tem cara de boa?* 12 crianças responderam que a boneca branca tinha cara de boa e ao serem questionadas sobre o porquê de ser a boneca branca, também não souberem responder. Na última pergunta *Qual boneca tem cara de princesa?* O resultado se repetiu, 12 respostas para a boneca branca. Por que essas crianças tem a noção da boneca negra para o negativo? Será que a reprodução dessa noção está ligado a figura do negro ao escravo, indivíduo ignorante, e sem educação. Qual é a importância da História da Cultura África e da História do Afro-brasileiro para esse processo de identidade e valorização da cultura negra.

A imagem da África vista como um continente com uma história rica e complexa, constituída historicamente por diversos reinos, tecnologias, diversidade cultural e linguística, movimentos de resistência e de descolonização, ainda não é a mais divulgada no interior da própria comunidade negra brasileira. A negação da História é mais um aspecto da violência racista. Resta, então, voltar o olhar para o negro norte-americano, o movimento das lutas civis nos EUA, os líderes negros que marcaram a história da humanidade denunciando e se opondo ao racismo.” (GOMES.2008.p.143).

A falta desse esclarecimento e dessa versão da história com a figura do negro escravo associa o negro a algo negativo, qual é a criança que desejará se identificar a figura do escravo?

As perguntas quinta e sexta *Qual é a boneca negra? E Qual é a boneca branca?* As crianças tiveram dificuldade em responder diante disso não foram tão reproduzidas.

A sétima pergunta *Qual parece com você?* Observamos dificuldade nas crianças para responder, algumas passaram muito tempo observando as bonecas, outra tocavam no rosto das bonecas como se estivessem avaliando.

Nessa pergunta duas respostas chamaram atenção a primeira do garoto citado anteriormente, que escolheu a boneca branca como a mais bonita e justificou a sua resposta dizendo que a outra tinha “a cara preta” esse garoto escolheu a boneca branca na resposta *Qual parece com você?* E justificou sua resposta comparando a cor dos seus olhos com a da boneca branca que tinha os olhos azuis e o garoto entrevistado os olhos castanhos escuros. Esse garoto está se embranquecendo por influência e desejo de parecer com alguém que acreditamos que seja com o seu padrasto o único branco da sua casa, talvez seja por admiração ao padrasto ou para estabelecer uma ligação, enfim, são inferências que merecem atenção.

As práticas de negação e desqualificação racistas ocorrem com frequência por parte dos profissionais de educação, dos colegas e até da própria família. Diante disso, elas têm o seu processo de aprendizagem e socialização comprometidos por estigmas variados, que as fazem sofrer desde cedo. (SANTANA, 2006 apud CASTELAR, 2015, p.3).

É de extrema importância para o desenvolvimento da aprendizagem e da socialização da criança se influenciado e estimulado a reconhecer e a valorizar os seus traços de negritude, porém como nossas crianças irão se reconhecer e aceitar sua identidade quando os próprios familiares e educadores não contribuem para esse processo? Os próprios professores não se reconhecem e negam sua identidade negra.

A importância do cumprimento da lei 10.639/03 é necessário pois a mesma exige a discussão da temática nas instituições de ensino desde o ensino infantil até o ensino superior como também a preparação dos docentes para colocar em prática as discussões nas aulas.

É relevante destacar que, com a aprovação da Lei nº 10.639/03, como vimos anteriormente, um passo significativo foi dado no sentido de melhor atender a população negra nas escolas, pois além do ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana, esta trata também das relações raciais que precisam ser refletidas no interior das salas de aula, como veremos mais adiante. (MELO, 2008, p.77).

Outra resposta a essa sétima pergunta *Qual parece com você?* a escolha foi a boneca branca e a resposta foi “porque eu tenho cara de princesa”. É comum que na infância as meninas queiram ser princesas e a referência de princesa dessa garota como para tantas outras garotas são mulheres e bonecas brancas, com cabelos grandes e lisos, olhos claros e o corpo magro. As marcas das relações de poder existentes na sociedade são atravessadas pelos

brinquedos e neles materializadas, nos fornecendo padrões e ideais de beleza, de corpo e de sujeito (Cruz, 2012 apud Castelar 2015), as mídias reforçam e materializam esses valores que as crianças adquirem reproduzido nas suas ações e tornando um sociedade racista.

Ao finalizar o teste com cada criança foi criado um momento de abraçar as bonecas para demonstrar a importância do afeto, o amor ao diferente e criar laços de respeito com as diferenças. Neste momento não houve nenhuma resistência e tantos os meninos e como as meninas fizeram.

No outro dia, 02 de julho de 2019 com toda a turma foi realizado um momento de contação de estória (anexo A) O cabelo de Lelê da autora Valéria Belém onde ao contar a estória foi mostrando imagens retirada da internet do livro, no final da estória diz: Lelê ama o eu vê! Então foi a aproveitada da frase para acrescentar e indagar aos alunos e vocês? As crianças respondiam e comentava sobre as fotos e faziam comparação dos cabelos das imagens com a dos colegas e dos seus próprios cabelos, mas um garoto relatou que não gostava do seu cabelo e queria que o seu cabelo fosse igual ao do seu colega do lado que tinha o cabelo liso. A professora da turma e assim como eu começamos a elogiar o seu cabelo e falar o quanto ele era bonito e uma colega cacheada falou para ele “... o seu cabelo é lindo igual o meu”. Esse momento trouxe esperança e consolo e me confirmou a importância de falamos sobre esse assunto para desconstruirmos paradigmas que fazem tanto mal para nossa sociedade. Em seguida foi entregue para cada criança uma atividade (anexo B) onde cada criança realizou a sua atividade com espontaneidade e alegria.

Segundo Gomes (2008) o “cabelo e cor de pele na construção da identidade negra e a importância desses, sobretudo do cabelo, na maneira como o negro se vê e é visto pelo outro”. Observamos no nosso trabalho como houve uma negação referente a pele e uma melhor aceitação do cabelo afro, principalmente no momento de interação com a turma toda.

A ideia que um indivíduo faz de si mesmo, de seu “eu”, é intermediada pelo reconhecimento obtido dos outros em decorrência de sua ação. Nenhuma identidade é construída no isolamento. Ao contrário, é negociado durante a vida toda por meio do diálogo, parcialmente exterior, parcialmente interior, com os outros. (GOMES,2008,p.20-21).

A relação dos sujeitos com o meio contribuir para sua formação e construção da sua identidade negra que poderá ser negativa ou positiva dependendo da vivência e informações adquiridas. A escola tem grande influência sobre essa relação e o professor como um mediador da informação pode atuar de forma significativa no desenvolvimento da identidade

da crianças porém, será que professor está preparado e consegue aproveitar das situações do cotidiano para fazer essa intervenção?

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento deste presente trabalho possibilitou compreender através da análise de conteúdo o processo de construção da identidade negra nas crianças, e a influência que o meio provoca neste processo. A relevância do conhecimento sobre a cultura afro-brasileira e africana para o desenvolvimento do sujeito ocorre quando há uma educação libertadora para desenvolver nas crianças a identificação e aceitação dos seus traços negros como também o respeito as diferença.

Ao trabalhar com as crianças sobre as suas características negras dando destaque para o cabelo afro observamos a relevância da abordagem deste tema para contribuição da auto estima e construção da identidade negra. É uma temática de suma relevância para o meio acadêmico pois como futuros profissionais da educação como também das demais área a responsabilidade de promover uma sociedade mais justa, sem preconceito, racismo ou discriminação. Como futura pedagoga esse trabalho me estimulou a olhar de forma especial as atitudes, palavras e brincadeiras das crianças ou de adultos para promover ações de reflexão das valorização das diferenças, respeito e uma educação igualitária.

Averiguamos com o nosso trabalho como ocorre na infância o processo de construção negra no qual observamos que a influência do meio e das mídias contribuem para esse processo de construção do sujeito. Deste modo é de suma importância o ensino da história afro-brasileira e africana para o desenvolvimento do sujeito, a valorização dos traços negros e o respeito as diferenças.

De um modo geral, observamos que as crianças parecem que estão se embranquecendo influenciadas pelas mídias e pela sociedade racista que estimula o preconceito e discriminação com os negros, ainda sendo influenciados por conceitos arcaico do tempo do Brasil colônia que acreditava na tese de uma raça superior motivados pelo padrão europeu desvalorizado a história e importância da cultura negra para nossa sociedade e desenvolvimento do nosso país. Se faz necessário promover mais atividades desse gênero pois o tema da História Africana ou Afro-brasileira é pouco estudando.

Dada a importância do tema, torna-se necessário o desenvolvimento de trabalhos que visem a construção da identidade negra nas nossas crianças como também, que esses



trabalhos tenham alcance nos profissionais da escola, nas famílias e na comunidade. Para diminuirmos o racismo e promovermos empoderamento das nossas crianças, mulheres e homens negros.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de; FRAGA FILHO, Walter. **Uma História do negro no Brasil**. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

BAUER, Martin W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In. BAUER, M. W.; GASKELL, G. (orgs.). **Pesquisa qualitativa com textos, imagens e som: um mural prático**. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. P.189-217.

Castelar, Marilda; Silveira Lemos, Flávia Cristina; Reis Khouri, Jamille Georges; Andrade, Thaís. **Brinquedos e brincar na vida de mulheres educadoras negras**. Psicologia Escolar e Educacional, vol. 19, núm. 3, septiembre-diciembre, 2015, pp. 595- 602.

Estatuto da igualdade racial [recurso eletrônico] : **Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010**, e legislação correlata. – 4. ed., 1. reimpr. – Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2015. – (Série legislação ; n. 171).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessário à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. *E-book*.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014

GOMES, Nilma Lino. **Educação, raça e gênero: Relações imersas na alteridade** , [S. l.], p. 1-16, 6 ago. 1996.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. 2º ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11º ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JACCOUD, Luciana. Racismo e República: o debate sobre o branqueamento e a discriminação racial no Brasil. In: THEODORO, Mário (Org). **As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil 120 anos após a abolição**. Brasília: IPEA, 2008 (P. 45-64).

MELO, Margareth Maria de. **Gerando eus, tecendo redes e trançando nós: ditos e não ditos das professoras e estudantes negras nos cotidianos do curso de pedagogia**. 2012. Tese (Doutorado) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

SANTOS, Jocéli Domanski Gomes dos. **A LEI 10.639/03 E A IMPORTÂNCIA DE SUA IMPLEMENTAÇÃO NA EDUCAÇÃO BÁSICA.**, [S. l.], p. 1-20.

SANTOS, Raquel Amorim dos; SILVA, Rosângela Maria de Nazaré Barbosa e. **Racismo científico no Brasil: um retrato racial do Brasil pós-escravatura**. Educar em Revista, Curitiba, p. 253-268, 2018.

TESTE DA BONECA 1946.

<Disponível:<http://historiacomfotos.blogspot.com/2016/05/teste-da-boneca-1946.html>>

acesso em: 22/05/2019.

THEODORO, Mário *et al.* **As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil : 120 anos após a abolição**. Brasília: Ipea, 2008. *E-book*.

## **ANEXOS**

ANEXO A –  
**O CABELO DE LELÊ**

Lelê não gosta o que vê.

-De onde vêm tantos cachinhos?, pergunta, sem saber o que fazer.

Joga pra lá,

Puxa pra cá,

Jeito não dá,

Jeito não tem.

- De onde vêm tantos cachinhos?, a pergunta se mantém.

“Toda pergunta exige resposta. Em um livro vou procurar!”, Pensa Lelê, no canto, a cismar.

Fuça aqui

Fuça lá

Mexe e remexe até encontrar o tal livro, muito sabido!, que tudo aquilo pode explicar.

Depois do Atlântico, a África chama e conta uma trama de senhos e medos,

De guerra e vidas e mortes no enredo também de amor no enrolado cabelo.

Puxado, armado, crescido, enfeitado, torcido, virado, batido, rodado.

São tantos cabelos, tão lindos, tão belos!

Lelê gosta do que vê! Vai a vida, vai ao vento brinca e solta o sentimento.

Descobre a beleza de ser como é herança trocada no ventre da raça do pai, do avô, de além-mar até o negro cabelo é pura magia encanta o menino e a quem se avizinha

Lelê já sabe que em cada cachinho existe um pedaço de sua história que gira e roda no fuso da terra de tantos cabelos que são a memória.

Lelê ama o que vê!

(VALÉRIA BELÉM)

## ANEXO B – ATIVIDADE REALIZADA

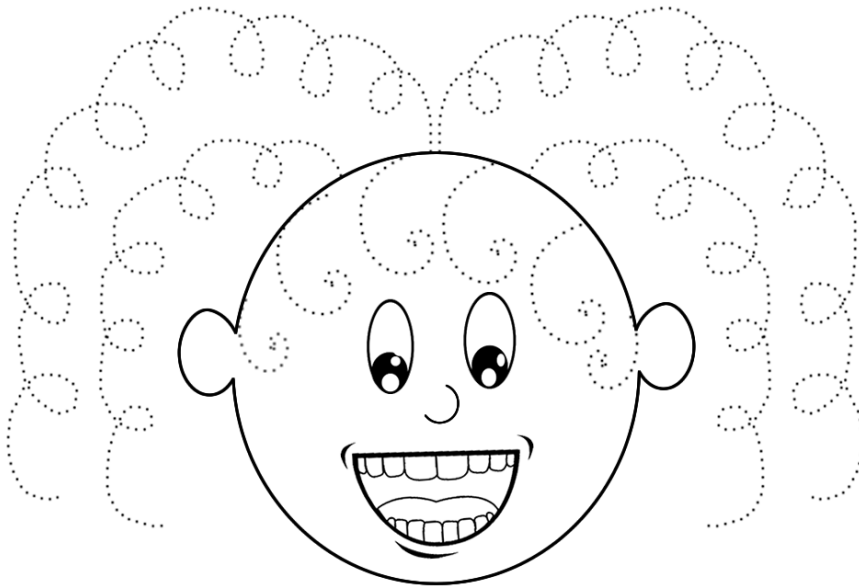
ESCOLA: \_\_\_\_\_

TURMA: \_\_\_\_\_ DATA: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

ALUNO: \_\_\_\_\_

1- CUBRA OS CACHINHOS DO CABELO DE LELÊ:

O CABELO DE LELÊ



2- DESENHE VOCÊ: O MEU CABELO

